



Caso Wikileaks – Dinâmicas sociais de uma ‘Ciberguerra’¹

Willian Fernandes Araújo²

Universidade Feevale, Novo Hamburgo, RS

RESUMO

Este artigo tem como objetivo situar a organização sem fins lucrativos Wikileaks dentro das teias de significação que compõe a cultura da rede. Para isso, realiza-se uma revisão bibliográfica de conceitos importantes para o estudo como o de ciberespaço, cultura da rede e cultura hacker. Através da problematização entre controle e ativismo no ciberespaço, apontam-se os papéis atuais do Estado e movimentos sociais na rede. O objeto deste artigo é apresentado de acordo com as categorias de estudo dos movimentos sociais de Alain Touraine, adaptadas para o ciberespaço por Manuel Castells. Por fim, relacionamos os conceitos e apresentamos questionamentos que ficam após análise.

PALAVRAS-CHAVE: Wikileaks; Estado; Internet; Cibercultura; Ciberguerra.

1. Introdução

O ciberespaço, como uma esfera pública interconectada onde sujeitos podem realizar suas críticas públicas ao poder (SILVEIRA, 2009), é um espaço fértil para o surgimento de iniciativas que contestem práticas e processos culturais estabelecidos na sociedade atual. Esta mobilização em torno da modificação de valores culturais é uma característica inerente aos movimentos sociais em rede, que cada vez com interesses mais fragmentados, buscam o impacto diante de um enfraquecimento constante de instituições como a identidade nacional e o Estado nação.

É o caso da organização sem fins lucrativos Wikileaks, que através da rede divulga documentos confidenciais censurados por governos ou outras instituições. A organização utiliza a Internet como meio de garantir o livre acesso a estes documentos, invocando a liberdade de imprensa e a reposição do direito público do conhecimento de materiais com relevância política. Com a utilização de profundos conhecimentos técnicos aliados a uma estratégia midiática de cooperação com os grandes meios de comunicação, milhares de documentos chegam ao conhecimento público gerando

¹ Trabalho apresentado no DT 5 – Multimídia do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul e realizado de 26 a 28 de maio de 2011.

² Aluno do Mestrado em Processos e Manifestações Culturais (bolsista Prosup/CAPES Cursos novos), na Universidade Feevale, Novo Hamburgo, Brasil. E-mail: contato@willianaraujo.com



reações do Estado e grandes corporações, dando origem ao que Manuel Castells (2010) vai chamar de ciberguerra.

Diante desse contexto, o estudo das implicações decorrentes das atividades da organização exige certa dose de parcimônia, tanto por sua complexidade, como pela gama de abordagens que objeto pode ter. Desta forma, este estudo tem como objetivo situar a Wikileaks dentro dos processos culturais que compõem as teias de significação da Internet, contribuindo para o debate ao apresentar algumas questões que ficam após a análise. Para isso, usaremos como aporte teórico os escritos de Manuel Castells (2001) sobre as movimentações sociais em rede inspirado no sociólogo francês Alain Touraine. O autor (2001) sugere que estes movimentos sejam entendidos sob três principais categorias: sua identidade (autodefinição, práticas e em nome de quem se pronunciam), adversários e meta societal (mudança social que almejam). Retomaremos conceitos importantes para este artigo, como o de ciberespaço, a constituição cultural da Internet como expressão da sociedade informacional e especificamente a cultura hacker, como camada fundamental da cultura da rede. Também buscaremos demonstrar as posições ocupadas pelo Estado e os movimentos sociais no ciberespaço. Posteriormente, faremos a descrição propriamente dita da Wikileaks, segundo o aporte teórico. Por fim, apresentamos as considerações finais do presente estudo.

2. Ciberespaço e cultura

O sociólogo espanhol Manuel Castells (1999), em seu livro “A sociedade em Rede”, obra fundamental nos estudos da sociedade contemporânea, aponta a organização rizomática como a principal entre as características do paradigma da tecnologia da informação. Esse espaço, horizontalizado, com infinitos nós e uma lógica praticamente anarquista, é terreno fértil para o surgimento de iniciativas que propõem novas formas de circulação e consumo de informação.

Com a massificação da conexão e a popularização da Internet, a partir dos anos 90, cria-se um espaço virtual, deshierarquizado, formado pelas suas infinitas conexões, onde cada interagente pode modificá-lo, formando um texto vivo e em constante mutação, chamado por André Lemos (2002) de ciberespaço. Trata-se de uma nova dimensão espaço-temporal, formada pelo conjunto de redes de computadores em todo o planeta. É uma estrutura descentralizada e rizomática, que se multiplica de forma anarquista. Mais que um fenômeno técnico, é um fenômeno social.

O autor conceitua esse espaço de sistemas complexos e auto-organizantes como



um ambiente mediático:

O ciberespaço é um ambiente mediático, como uma incubadora de ferramentas de comunicação, logo, como uma estrutura rizomática, descentralizada, conectando pontos ordinários, criando territorialização e desterritorialização sucessivas. O ciberespaço não tem um controle centralizado, multiplicando-se de forma anárquica e extensa, desordenadamente, a partir de conexões múltiplas e diferenciadas, permitindo agregações ordinárias, ponto a ponto, formando comunidades ordinárias (LEMOS, 2002. Pg. 136).

O ciberespaço é a concretização virtual de todas as conexões. Cada vez maior e com lógicas próprias, este espaço transcende qualquer fronteira territorial, mas através dele se cria o que Lemos (2002) chama de territorialidade simbólica, onde as pessoas podem reunir-se em torno de um objetivo mesmo em cidades e culturas bem diferentes. Este conceito, como veremos, é importante para compreensão do objeto abordado neste artigo.

As infinitas interconexões que formam o ciberespaço são possíveis, tecnicamente, pelo hipertexto: conjunto de nós que liga conteúdos na rede, possibilitando ao usuário desenhar seu próprio percurso (LÉVY, 1995). Manifestação técnica do ciberespaço, o hipertexto modificou a relação entre autores e leitores. George P. Landow (2006) afirma que o hipertexto reconfigura o autor e leitor, deixando mais próximas as duas funções.

O multiculturalismo, expresso através das culturas de nicho, é uma constante nesse ambiente. Manuel Castells vai chamar o ciberespaço de “uma ágora eletrônica global em que a diversidade da divergência humana explode numa cacofonia de sotaques.”. (CASTELLS, 2003. Pg. 114). Dessa forma, o ciberespaço é fruto não apenas de uma possibilidade técnica de conexão em escala mundial. O ciberespaço é o ápice de uma mentalidade técnica e social que está em transformação desde a década de 1970.

Por isso, é importante lembrar o que Stuart Hall (1999) aponta como mudanças nas identidades do sujeito na sociedade pós-moderna. Para Hall, a globalização é a causa do conseqüente enfraquecimento da identidade nacional e do estado nação. Assim, a constroem-se de identidades globais, mas por outro lado existe o reforço das identidades hiperlocais.

Para Manuel Castells a identidade é, muitas vezes, única fonte de significado na pós-modernidade, período caracterizado pelo enfraquecimento de instituições e organizações e de expressões culturais efêmeras: “Nesse processo, a fragmentação social se propaga, à medida que as identidades se tornaram mais específicas e cada vez



mais difíceis de compartilhar” (CASTELLS, 1999. Pg. 41).

Em uma espécie de processo evolutivo, o ciberespaço fica cada vez mais acessível, mas ao mesmo tempo, mais segmentado, de difícil controle e próximo dos espaços ‘reais’. Então, a Web passa a um estágio que foi chamado por O’Reilly e Dougherty de Web 2.0 (O’REILLY *apud* AQUINO, 2006). Isto favorece o que Chris Anderson (2006) no livro ‘Cauda Longa’ chama de culturas de nicho, que se propagam criando pequenos grupos em torno de uma temática específica. A extrema segmentação vai confirmar o enfraquecimento das instituições modernas, como afirmam Hall e Castells.

2.1 Cultura da Rede

Como afirma Clifford Geertz (2008), o conceito de cultura é essencialmente semiótico e baseia-se nas “teias de significado” construídas pelos homens. Dessa forma, a Internet, como toda criação social humana, tem uma espécie de cultura própria que ajudou a moldar sua concepção. Trata-se da cultura dos seus produtores, como afirma Manuel Castells. Segundo o autor, a chamada cultura da internet é estruturada em quatro camadas: cultura tecnomeritocrática, cultura hacker, cultura comunitária virtual e cultura empresarial. “Juntas elas contribuem para que uma ideologia de liberdade que é amplamente disseminada no mundo da internet” (CASTELLS, 2003. Pg. 34.).

Para o autor (2003), a cultura tecnomeritocrática está ligada à busca de excelência científica e tecnológica, vindas do meio acadêmico, um dos propulsores da gênese da Internet. Já a cultura hacker está ligada ao valor fundamental da liberdade e compartilhamento de informações de relevância para o avanço tecnológico. Falaremos mais especificamente sobre os aspectos da cultura hacker, construção cultural basilar para este estudo.

A cultura comunitária virtual deu potencialidade às redes sociais fazendo da Internet um meio de interação seletiva e de integração simbólica. Castells (2003) considera que a apropriação da comunicação via Internet pelos laços sociais ajudou a expandir a interconexão de computadores. A cultura comunitária virtual, através do tribalismo e comunalismo, é fundamental para contestação imposta pelas redes ao monopólio do uso da violência e vigilância pelo Estado (CASTELLS, 1999). Para Pierre Lévy (2001), o processo de construção comunitária virtual está essencialmente ligado a cooperação:

Uma comunidade virtual é construída sobre as afinidades de interesses, de



conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais. (LÉVY, 2003. Pg. 127).

A cultura empresarial está ligada à ideia de expansão da Internet como meio de obtenção de lucro. Ao conceituar cada camada, Castells deixa evidente a necessidade de compreender suas interconexões:

A cultura empresarial trabalha, ao lado da cultura hacker e da cultura comunitária, para difundir práticas da Internet em todos os domínios da sociedade como meio de ganhar dinheiro. Sem a cultura da tecnomeritocrática, os hackers não passariam de uma comunidade contracultural específica de geeks e nerds. Sem a cultura hacker, as redes comunitárias na Internet não se distinguiriam de muitas outras comunidades alternativas. Assim como, sem a cultura hacker e os valores comunitários, a cultura empresarial não pode se caracterizada como específica à Internet. (CASTELLS, 2003. Pg. 35).

Então, podemos notar que todas as camadas culturais da Internet contribuiriam para uma ideologia de liberdade, amplamente disseminada desde os primórdios da Internet. Manuel Castells ressalva que apesar da vinculação entre ideologia da liberdade e Internet clara, esse pensamento não está ligado ao surgimento da tecnologia.

Retornando a outra obra de Manuel Castells, “Sociedade em rede”, de 1999, o autor liga a gênese do que hoje conhecemos como Internet à fusão de quatro fatores principais: estratégia militar (interesse estatal), grande cooperação científica, iniciativa tecnológica e inovação contracultural. Ou seja, com o objetivo de aprimorar novas ferramentas militares os governos fomentam pesquisas sobre a utilização da rede, criando a demanda técnica e científica que são potencializadas pela cooperação e busca da inovação. Esse modelo de surgimento da ‘Sociedade informacional’ é a base dos processos ocorridos nos Estados Unidos, onde o Vale do Silício foi (e é até hoje) o berço das inovações que modificaram a forma de tratamento da informação.

Mesmo com a importância da experiência americana, Castells (1999) vai analisar os modelos de desenvolvimento tecnológico dos países mais desenvolvidos do mundo e constata que, como nos Estados Unidos, ele está intimamente ligado ao fomento estatal. Por isso, a afirmação do autor que a ideologia de liberdade, amplamente difundida na Internet, não está ligada ao surgimento da tecnologia.

2.2 Cultura hacker

O termo hacker talvez não designe, atualmente, o seu significado original. Em



seu livro ‘A ética hacker’, o pesquisador finlandês Pekka Himanen (2001) remonta a origem do termo a um grupo de apaixonados programadores do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, o célebre MIT, que se intitulou de “the hackers” na década de 1960.

A cultura hacker é baseada essencialmente na criatividade intelectual, liberdade, cooperação, reciprocidade e na informalidade. Esses grupos, que têm seu surgimento ligado ao estudo e evolução da tecnologia da informação, são baseados no compartilhamento do conhecimento técnico para evolução da comunidade hacker, sendo essa ideia uma forma de contracultura. Na comunidade hacker, o capital social dos seus integrantes está ligado diretamente à contribuição que o indivíduo dá ao grupo. Este pensamento é o que Manuel Castells (2003) chama, como apresentamos anteriormente, de tecnomeritocracia na cultura hacker.

André Lemos os considera *outsiders* e atribui o uso das ferramentas da informática como forma de mobilização contra práticas de controle de uma sociedade tecnocrática: “(...) utilizam as ferramentas da informática e da telemática como armas, contra o que identificam como sendo ameaça do controle e do poder sobre a informação e conseqüentemente sobre a sociedade.” (LEMOS, 2002. Pg. 215).

Esse caráter de participação e busca da excelência tecnológica vai fazer com que os hackers sejam fonte de soluções importantes para a evolução da tecnologia da informação. Castells dá como exemplo a invenção do modem, peça chave para a massificação da conexão à Internet: “O modem, elemento importante do sistema, foi uma das descobertas tecnológicas que surgiu dos pioneiros dessa contracultura, originalmente batizada de “the hackers”, antes da conotação maligna que o termo veio a assumir” (CASTELLS, 1999. Pg. 83).

Esta ‘conotação maligna’ que Castells cita no trecho acima é fruto da confusão de significados criada pela cobertura da mídia, que não busca diferenciar os hackers, como conceituamos anteriormente, dos chamados crackers, grupo com grande conhecimento técnico, mas que tem como objetivo invadir e se apropriar de sistemas de maneira ilegal. Esta diferenciação fundamental vem da própria comunidade hacker, mas dificilmente é estabelecida nos produtos dos meios de comunicação.

Pekka Himanen (2001), ao buscar a definição de uma ‘ética hacker’, vai afirmar que este grupo tem uma ‘ética de trabalho’ diferente do que Max Weber chama de “Ética do Trabalho Protestante”, onde o labor é a atividade mais importante na vida humana. Para Himanen, o hacker vai encarar o trabalho como uma paixão que se torna difícil dissociar do entretenimento.



3. Estado X Movimentos Sociais no Ciberespaço

Ao longo do desenvolvimento da Internet, a ideologia de liberdade de seus criadores e principais ‘entusiastas’ fez com que a rede não ficasse sob o controle total do Estado. Apesar do surgimento dos estudos sobre a rede estar ligado ao investimento governamental americano, o desenvolvimento da tecnologia que mudou a sociedade avançou autônomo e descentralizado, impedindo o controle absoluto. É evidente que estados com grande capacidade bélica e grandes corporações têm formas de ação e controle na Internet, mas não sobre sua totalidade.

Manuel Castells considera que a liberdade da Internet está ligada essencialmente a “proteção judicial que recebeu no núcleo de seu *backbone*³ global, os EUA” (CASTELLS, 2003. Pg. 140). O autor também lembra que, apesar do discurso sobre liberdade, o Congresso americano e a administração de Bill Clinton buscaram meios legais para controlar a Internet. O domínio da informação, ao longo da história, sempre foi sinônimo do poder de um Estado. Na Era da Informação, a busca por este tipo de controle não poderia ser menor.

Já para os movimentos sociais a estrutura da rede, descentralizada e deshierarquizada, proporciona formas diferentes de mobilização. As mobilizações sociais, antes dependentes de reuniões presenciais ou de correspondências, agora encontram na Internet a celeridade necessária para o maior impacto nas suas ações. A desterritorialização faz com que a articulação de movimentos de âmbito global seja tão possível, quanto corriqueira atualmente.

3.1. A posição do estado no ciberespaço

Torna-se cada vez mais difícil um Estado ter controle sobre a circulação de informação em rede. São diversos fatores como o enfraquecimento das identidades nacionais, a transnacionalidade da Internet, o número cada vez maior de conexões e a dependência desse sistema para as atividades do Estado, vão determinar um enfraquecimento do controle governamental do ciberespaço. Mesmo antes da massificação da rede em escala mundial, Castells já compreendia a perda de poder pelo Estado: “a repentina aceleração do tempo histórico, aliada à abstração do poder em uma

³ No contexto da Internet, *backbone* designa a espinha dorsal de ligações centrais em um sistema mais amplo de redes.



rede de computadores, vem desintegrando os mecanismos atuais de controle social e representação política” (CASTELLS, 2001. Pg. 93).

Atualmente, não apenas a capacidade de controle da informação pelo Estado sofre problemas. As suas próprias defesas estão cada vez mais vulneráveis. No Ciberespaço, o código tem o mesmo papel da legislação, como afirma o jurista Lawrence Lessig (2005). Logo, não bastam leis que impeçam o acesso a conteúdo sigiloso de um Estado. São necessárias defesas consistentes, capazes de conter um ataque pela rede. Assim, diante da dependência que um Estado tem da rede, Castells considera que surgem novas armas no ambiente tecnológico, que vão dar origem ao que podemos chamar de Ciberguerra: “Quanto mais um governo e uma sociedade dependem de sua rede avançada de comunicação, mais ficam expostos a ataques desse tipo” (CASTELLS, 2003. Pg. 130).

O sistema em rede, por si só, é vulnerável. No momento em que cada nó da rede tem o mesmo poder, e pode ser acessado de qualquer computador no mundo, formam-se inúmeras brechas:

(...) o sistema é de fato vulnerável, não em seu centro, mas em sua periferia. Isso por duas razões. A primeira é que o problema crítico de segurança para qualquer país não está necessariamente nos computadores do Ministério da Defesa, mas em toda a rede eletrônica de que dependem a vida diária das pessoas e o funcionamento da economia. Como a Internet e as redes de computadores em geral interconectaram países inteiros, de fato o mundo inteiro, as avenidas para a invasão de sistemas de segurança são quase ilimitadas (CASTELLS, 2003. Pg. 131).

Hindenburgo Francisco Pires, ao analisar os vazamentos de documentos pela Wikileaks, corrobora com a ideia de que o ciberespaço não pode mais ser controlado. Para o doutor em Geografia, um ataque a Internet, seria um ataque a estrutura que mantém o sistema capitalista: “dar um *“shutdown”* na Internet significaria, dar um *shutdown* no capitalismo em sua forma financeira-informacional” (PÍRES, 2011. Pg. 11).

Um debate importante que surge dos conflitos no ciberespaço é sobre o papel do cidadão. Sergio Amadeu da Silveira relembra a importância do conceito de cidadania, tradicionalmente ligado ao conceito de nação, enfraquecido pela lógica transnacional do ciberespaço:

Nesse cenário de globalização e transnacionalidade, o problema da cidadania coloca-nos diante da necessidade de enfrentarmos a discussão sobre o papel das comunicações e das tecnologias da informação nos processos de mudança e permanência das relações sociais. (SILVEIRA, 2006. Pg. 77)



Nesse contexto, o autor cita Mark Poster (*apud* SILVEIRA, 2006), que em seus escritos sugere o surgimento de uma espécie de cidadão planetário: o net cidadão, que figuraria em um novo tipo de relação política. Poster também alerta que a saída para a democratização da sociedade informacional está na construção de novas estruturas políticas fora do estado-nação.

3.2 Ativismo e movimentos sociais em rede

Os movimentos sociais, em busca de mudança em valores culturais de uma sociedade tecnocrática, encontram no ciberespaço um lugar com inúmeras potencialidades de mobilização. A democratização do polo de emissão na Internet, segunda lei da cibercultura, segundo Lemos (2003), facilitada pela criação de inúmeras ferramentas de publicação gratuitas e sem a exigência de conhecimentos técnicos aprofundados, faz com que sejam comuns manifestações via Internet. Desta forma, criando a necessidade de mais que apenas estar presente no ciberespaço, como também ser notado.

Manuel Castells, no livro “O poder da identidade”, segundo volume da obra sobre o novo contexto social, detém-se na reflexão sobre a atuação dos movimentos sociais na Era da Informação. O autor afirma que estes grupos mobilizam-se essencialmente em torno de valores culturais: “A luta para mudar os códigos de significação nas instituições na prática da sociedade é a luta essencial no processo de mudança social no novo contexto histórico” (CASTELLS, 2001. Pg. 116). Para melhor compreensão desses movimentos e de seus impactos nas estruturas sociais que pretendem modificar, Castells propõe que movimentos sociais sejam entendidos pelos seus próprios termos, ou seja, pelo que dizem ser, sendo suas práticas a própria autodefinição: “Tal enfoque nos afasta da pretensão de interpretar a “verdadeira” consciência dos movimentos, como se somente pudessem existir revelando as contradições estruturais “reais”” (CASTELLS, 2001. Pg. 94).

Para melhor compreendê-los, o autor submete os movimentos as categorias da tipologia do sociólogo francês Alain Touraine, fazendo certas adaptações:

(...)define movimento social de acordo com três princípios: identidade do movimento, o adversário do movimento e a visão ou modelo social do movimento, que aqui denomino como meta societal. Em minha adaptação (que acredito estar coerente com a teoria de Touraine), identidade refere-se à autodefinição do movimento, sobre o que ele é, e em nome de quem se pronuncia. (...) Meta societal refere-se à visão do movimento sobre o tipo de



ordem ou organização social que almeja no horizonte histórico da ação coletiva que promove. (CASTELLS, 2001. Pg. 95).

Assim, diante do contexto explanado, usaremos a metodologia definida acima por Manuel Castells, buscando sistematizar certas características da Wikileaks. É importante ressaltar que o presente estudo não objetiva a criação de um conceito hermética sobre uma organização, que assim como a rede que lhe dá sustentação, está sempre em mudança, mas sim uma proposta de compreensão objetiva e que contribua no debate sobre os efeitos causados pela suas ações.

4. Wikileaks

Baseando-se nas potencialidades do ciberespaço, a organização sem fins lucrativos Wikileaks⁴ utiliza a combinação de profundos conhecimentos técnicos, com o ativismo em rede e os princípios do jornalismo investigativo, para vazar dados sigilosos que apontem ações consideradas antiéticas praticadas por governos, grandes corporações ou instituições. Também são divulgados no site da organização documentos, informações ou notícias que tenham sofrido algum tipo de censura. Ou seja, o ciberespaço é utilizado como um espaço que escapa aos aparatos de poder, seja econômico ou político (CASTELLS, 2010). Em busca da transparência e em nome da liberdade de imprensa para o bem comum, os criadores da organização encaram os vazamentos como a reposição do direito público de conhecer materiais e registros com significado político, diplomático, ético e histórico: "O princípio do vazamento mudou o curso da história para melhor. Pode alterar o curso da história no presente, e pode nos levar a um futuro melhor"⁵.

A organização iniciou suas atividades públicas em 2007. Entretanto, antes de ser lançada, a Wikileaks preparou todo seu aporte técnico de redes para garantir o anonimato de seus leitores e, principalmente, de suas fontes. A idéia inicial era de que o público tivesse poder de apuração e alteração dos conteúdos publicados no site, estabelecendo sistema de gestão de conteúdos semelhante ao consagrado pela enciclopédia colaborativa Wikipédia⁶. Por isso, foi incorporado o prefixo “wiki” no

⁴ <http://213.251.145.96/>

⁵ Texto original: *Principled leaking has changed the course of history for the better. It can alter the course of history in the present, and it can lead us to a better future.* Tradução livre do autor. Original disponível em <<http://213.251.145.96/About.html>>. Acessado em 28 de fevereiro de 2011.

⁶ <http://www.wikipedia.org/>



nome do projeto, termo havaiano que significa ‘rápido’, e que caracteriza os sites onde o usuário tem poder de edição de conteúdos. O sufixo *leaks* vem do inglês “vazamentos”, em referência ao que a organização chama de “o princípio de vazamento”.

Em pouco mais de três anos de atuação, a Wikileaks já armazena mais de um milhão de documentos sobre diversos assuntos até então desconhecidos da comunidade mundial. A lista de casos deflagrados por vazamentos da Wikileaks já é extensa, apontando para novos fatos em todos os continentes. Entre os vazamentos mais destacados está a divulgação de um vídeo gravado durante uma ação americana no Iraque, onde um helicóptero modelo Apache bombardeia uma região urbana e mata mais de uma dezena de civis. Entre eles, dois jornalistas da agência de notícias Reuters.

Considerado pela Wikileaks como o maior vazamento de documentos confidenciais da história, o *Cablegate*, como é chamado pela organização, iniciou em 28 de novembro de 2010, divulgando documentos da diplomacia americana. Segundo a Wikileaks, no total são 251.287 documentos, sendo 15.652 classificados como secretos e 101.748 como confidenciais, que datam de 1966 até o final de fevereiro de 2010 e abrangem comunicações entre 274 embaixadas em países de todo o mundo e do próprio Departamento de Estado em Washington. A organização estima que uma pessoa leve 70 anos para ler todos os documentos. O nome, *Cablegate*, faz alusão a um episódio que de ‘Watergate’⁷.

A divulgação de parte desses documentos causou prejuízos à diplomacia americana, revelando posições e atitudes desconhecidas publicamente: “Os documentos vão dar às pessoas ao redor do mundo uma visão sem precedentes sobre as atividades do governo dos EUA no exterior”⁸. O volume enorme e a variedade de origem dos documentos divulgados fazem com que, além da cobertura mundial que o fato gerou, coberturas jornalísticas de interesses nacionais sejam realizadas.

4.1 Estratégias de resistência e manutenção da organização:

Com uma gama de apoiadores na comunidade hacker, no setor público e na sociedade em geral, estima-se que a organização tenha quase dois mil voluntários ao

⁷ O episódio marcou a história da política americana. O chamado ‘caso Watergate’, deflagrado por jornalistas do Washington Post, causou a renúncia do presidente americano da época, Richard Nixon, por envolvimento em esquemas de corrupção.

⁸ Texto original: “*The documents will give people around the world an unprecedented insight into US Government foreign activities*”. Tradução livre do autor. Original disponível em < <http://213.251.145.96/cablegate.html>>. Acessado em 28 de fevereiro de 2011.



redor do mundo, a maioria deles trabalhando sem nenhuma contrapartida financeira (SOARES, 2010). Em sua estrutura interna, a Wikileaks conta com alguns profissionais trabalhando exclusivamente nas atividades da organização, entre eles jornalistas, programadores, engenheiros de rede e matemáticos. Para pagamento das despesas com pessoal, infra-estrutura, viagens de seus integrantes e para as proteções legais, a Wikileaks conta com doações capitaneadas através da Internet. Para isso, em seu site são disponibilizadas diversas de formas para doação, possibilitando contribuições desde o telefone celular até correspondência postal. Os meios de comunicação parceiros da organização também figuram entre seus principais financiadores.

Entretanto, após os últimos vazamentos, o bloqueio das doações para Wikileaks através de empresas como PayPal, Visa, MasterCard, Amazon e o banco suíço da Wikileaks, foi uma das formas de retaliações à organização por governos e grandes corporações. Esse tipo de ação demonstra um contra-ataque no próprio ciberespaço através da limitação econômica. O porta-voz da organização, Julian Assange, jornalista e ciberativista australiano, passou a responder por crimes sexuais contra duas mulheres na Suécia, denunciado somente após os últimos vazamentos. Para organização, o processo contra Assange trata-se de uma perseguição política. Segundo a justiça sueca, a denúncia contra ele não tem relação com suas atuações na Wikileaks.

As fontes são fundamentais para os objetivos da organização. Estima-se que boa parte do material divulgado pela Wikileaks venha de suas fontes. É o caso do soldado americano Bradley Manning⁹. Ele entrou em 2007 no Exército americano como analista de dados. Em 2010, após a divulgação pela Wikileaks de arquivos sobre a atuação do Exército americano, Manning foi preso sob a acusação de ter “ajudado o inimigo”. Ele teria repassado à Wikileaks cerca de 620 mil documentos diplomáticos e militares. Entre eles o vídeo mencionado anteriormente, onde está registrado o ataque a civis em Bagdá por um helicóptero dos EUA.

Considerada por Sérgio Amadeu da Silveira (2009) como forma de antídoto contra o controle engendrado na rede, a comunicação anônima com as fontes é encarada como ponto crucial na estratégia dos vazamentos da Wikileaks. Grande parte dos esforços da organização está na melhora do envio de documentos pela Internet. Isso se dá pela criação de métodos para proporcionar o total anonimato a seus informantes: “Dedicamos muitos trabalhos técnicos e de design na recepção de documentos porque

⁹ <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/03/110302_wikileaks_soldado_mdb.shtml>



levamos a relação fonte-jornalista muito a sério”¹⁰. Segundo a Wikileaks, nem mesmo os jornalistas da organização sabem a identidade das pessoas responsáveis pelo envio.

A tecnologia utilizada para a manutenção do anonimato da origem das informações seria a criptografia de nível militar. O método faz com que seja praticamente impossível determinar o caminho que a informação percorreu pela rede até chegar ao banco de dados da Wikileaks: “O pulo do gato está em embaralhar o caminho feito pela conexão, não permitindo o rastreamento dos pontos de entrada e saída que acessem o Wikileaks” (SOARES, 2010).

A partir daí, os materiais encaminhados à organização são avaliados pelos jornalistas credenciados. Se a documentação atender o critério de relevância política, ética, diplomática ou histórica, as informações serão divulgadas pelo site. Apesar de atuar de forma independente na maior parte dos processos, a Wikileaks mantém parcerias com meios de comunicação estabelecidos, como os tradicionais meios de comunicação The New York Times, The Guardian, Le Monde, Al Jazeera e Der Spiegel, entre outros. Esses meios têm papel de dar legitimidade ao que é publicado pelo site da organização. Segundo a Wikileaks, trata-se de um novo modo de fazer jornalismo, já que a organização não tem caráter competitivo: “nós não somos motivados por um lucro, nós trabalhamos em cooperação com outras empresas de comunicações e organizações de mídia ao redor do mundo, em vez de seguir o modelo tradicional de competir com outras mídias”¹¹.

A organização afirma sofrer diversos ataques na rede. Por isso, a Wikileaks usa como estratégia os ‘espelhos’: são sites que apenas repetem os conteúdos da organização, geralmente mantidos por colaboradores. Qualquer pessoa com acesso a um banco de dados na Internet pode criar o seu próprio espelho da Wikileaks. Essa estratégia é fundamental, visto que caso o site oficial, onde estão todos os conteúdos divulgados, seja retirado do ar, diversas outras versões, em várias partes do mundo, estarão disponíveis para acesso. Isso torna praticamente impossível eliminar completamente os documentos vazados pela organização. Trata-se de uma salvaguarda característica do ciberespaço.

¹⁰ Texto original: “*We have put a great deal of technical and design work into the drop box because we take the journalist-source relationship very seriously*”. Tradução livre do autor. Original disponível em < <http://213.251.145.96/Submissions.html>>. Acessado em 28 de fevereiro de 2011.

¹¹ Texto original: “*we are not motivated by making a profit, we work cooperatively with other publishing and media organisations around the globe, instead of following the traditional model of competing with other media*”. Tradução livre do autor. Original disponível em < <http://213.251.145.96/about.html>>. Acessado em 28 de fevereiro de 2011.



5. Considerações finais

Após a revisão de conceitos importantes para este artigo e a apresentação da Wikileaks sob o prisma das categorias de estudo dos movimentos sociais, podemos situá-la como uma manifestação cultural recente que expressa a dinâmica (permanente) de reconfiguração de forças/poderes na cultura da rede. Assim, diante de fatores como o surgimento de identidades globais, o enfraquecimento da noção do ‘estado-nação’ (Hall, 1999), e a ideologia de liberdade na Internet, instala-se a disputa entre Estado e movimento ativista em rede, que Manuel Castells (2010) vai chamar de ciberguerra.

Entretanto, é essencial manter certa distância na avaliação do surgimento de uma nova forma de ativismo social e o impacto das potenciais conseqüências na sociedade: “só análises específicas e observações empírica conseguirão determinar as conseqüências da interação entre as novas tecnologias e as formas sociais emergentes” (CASTELLS, 1999. Pg.109).

A ideologia da liberdade, amplamente difundida na evolução da Internet, como vimos, é o que dá sustentação as atividades como as da Wikileaks. No entanto, é importante lembrar que apesar da democratização do polo emissor no ciberespaço, o anonimato só é garantido por mecanismos específicos que fazem com que a informação não deixe rastros na rede. Estas estratégias são o que garantem o espaço e ações da Wikileaks no ciberespaço.

Assim, podemos afirmar que se trata de uma legítima iniciativa baseada na cultura hacker, tendo em vista que utiliza conhecimentos técnicos aprofundados contra práticas de controle do Estado (LEMOS, 2002), garantindo anonimato a fontes, leitores e a manutenção dos conteúdos na rede. Outro traço evidente da cultura hacker é o bem comum acima da própria lei.

Por fim, consideramos que o objeto deste artigo, como uma manifestação cultural recente, é um rico campo de análise das dinâmicas de poder no ciberespaço. Dessa forma, acreditamos que por suas características a interdisciplinaridade caracteriza-se como abordagem capaz de abarcar a complexidade deste objeto.

6. Referências bibliográficas

ANDERSON, Chris. **A cauda longa: do mercado de massa para o mercado de nicho**. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Elsevier, 2006.



AQUINO, M. C. **Um resgate histórico do hipertexto**. O desvio da escrita hipertextual provocado pelo advento da Web e o retorno dos preceitos iniciais através de novos suportes. Unirevista, n. 1, v. 3. São Leopoldo, 2006. Disponível em: <http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_Aquino.PD>F. Acesso em: 18/12/10.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em rede**. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1999. 617 p.

_____. **O Poder da identidade**. 3. ed. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2001. 530 p.

_____. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2003. 243 p.

_____. **A ciberguerra do Wikileaks**. 2010. Disponível em <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=620IMQ020>>. Acesso em: 18/12/10.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 2008. 213 p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. 102 p.

HIMANEN, Pekka. **The Hacker Ethic and the Spirit of the Information Age**. Nova York: Random House, 2001

LEMONS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre, RS: Sulina Universitária, 2002. 320 p.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

_____. **Cibercultura**. 2. ed. São Paulo, SP: Editora 34, 2001. 260 p.

LESSIG, Lawrence. **Cultura livre: como a grande mídia usa a tecnologia e a lei para bloquear a cultura e controlar a criatividade**. São Paulo, SP: Trama Universitário, 2005. 339 p.

PIRES, Hindenburgo Francisco. **WikiLeaks e as Redes Sociais: A publicização de conteúdos da SIPRNet**. Ar@cne (Barcelona), v. 143, p. 01-11, 2011.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu. **Hackers, monopólios e instituições panópticas: elementos para uma teoria da cidadania digital**. 2006. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/libero/issue/view/453/showToc>>. Acesso em: 18/12/10.

_____. **Redes cibernéticas e tecnologias do anonimato: confrontos na sociedade do controle** In: XVIII COMPÓS, 2009, Belo Horizonte.

SOARES, T. **Como o Wikileaks vem transformando jornalistas em decifreadores de código**. In ComCiência, revista eletrônica de Jornalismo científico. No. 121. Disponível em <<http://www.comciencia.br/comciencia/index.php?section=8&edicao=59&id=749>>. Acesso em: 28/02/11.